

---

## “NAZISMO DE ESQUERDA”: ANÁLISE DE UMA *FAKE HISTORY* A PARTIR DE VÍDEO DA EMBAIXADA E CONSULADO ALEMÃES<sup>1</sup>

Alexandre Freitas Campos<sup>2</sup>  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### RESUMO

Esta pesquisa vale-se das mídias audiovisual e digital para discorrer sobre o fenômeno da pós-verdade, considerando o revisionismo histórico e a crise das instituições como partes desse fenômeno. Por meio de alguns princípios da netnografia, o presente trabalho analisa a recepção obtida por um vídeo postado pela Embaixada da Alemanha de Brasília e pelo Consulado-geral da Alemanha no Recife, em que brasileiros afirmaram que “o nazismo é de esquerda”, contrariando a conceituação do vídeo. A partir da análise dos comentários, abordamos o machismo como um catalizador do bolsonarismo na política brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** nazismo; bolsonarismo; esquerda/direita; *fake history*; machismo.

### Introdução

O cenário de acirramento político no Brasil, bastante polarizado principalmente a partir de 2013, contamina vários espaços das relações sociais e da vida pública. Com as redes sociais não é diferente. Além de serem um bom meio de se medir a animosidade da polarização política, as redes sociais aumentaram seu protagonismo no cenário político atual, tornando-se um espaço de destaque da esfera pública. Habermas (apud Martino, 2014) conceitua a “esfera pública” como sendo um espaço de discussão e ação social formado na interação entre as pessoas; um local de conversas no qual assuntos de relevância são debatidos; e também a tomada coletiva de decisões a partir da troca de ideias entre cidadãos a respeito de assuntos de interesse geral. Martino (2014), valendo-se do conceito de esfera pública proposto por Habermas, posiciona as redes sociais como um novo espaço dessa esfera pública, por ser, atualmente, um dos âmbitos onde se forma a opinião pública, ressaltando que “mais que um espaço físico, a esfera pública é um espaço abstrato” (MARTINO, 2014, p. 91).

Se, para Martino, valendo-se de Habermas, as redes sociais absorvem a esfera pública, o próprio Habermas (2018) afirma que as estruturas da esfera pública estão experimentando um processo acelerado de deterioração, em parte, por conta da internet.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, do XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Mídia e Cotidiano (PPGMC) pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e doutorando em História Social (PPGHS) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), e-mail: [afcamposcbx@gmail.com](mailto:afcamposcbx@gmail.com).

---

Para David Wootton, “a internet está nos levando de volta a um mundo medieval” (2017). O historiador compara o novo cenário comunicacional à Idade Média, pois as pessoas se dividiram em tribos, que reúnem somente aqueles que possuem opiniões semelhantes, em um processo no qual elas “reforçam seus próprios preconceitos e suposições. E acham que quem discorda é irracional e mal intencionado. E o contato que acontecia entre pessoas de pontos de vista diferentes está acabando”. (WOOTTON, 2017).

A internet cria uma enchente de pontos de vista diferentes e você não consegue diferenciar o certo do errado, pois todos parecem igualmente convincentes na tela. (...) A fofoca está sendo transformada em opinião, e fica bem mais difícil distinguir argumentos bem fundados de preconceito. Acho que a internet está nos levando de volta a um mundo medieval no qual as histórias se espalham rapidamente, sejam verdadeiras ou falsas, e fica impossível descobrir de onde vieram e se são confiáveis (WOOTTON, 2017).

Nesse cenário, um termo que se tornou recorrente é “pós-verdade”<sup>3</sup>. Para Tatiana Roque e Fernanda Bruno (2018), turbinada pelas redes sociais, a pós-verdade transforma os consensos já estabelecidos e estimula a desconfiança a respeito dos modos de aferição da verdade que embasam o método científico, abrindo espaço para que crenças e valores tomem o lugar da objetividade. No mesmo sentido, André Cabette Fábio (2016) ressalta que as novas plataformas, como Facebook, Twitter e Whatsapp, possibilitam os boatos e as chamadas “*fake news*”, prestando-se como uma espécie de suporte técnico para que a “era da pós-verdade” se configure.

Grande parte dos factóides são compartilhados por conhecidos nos quais os usuários têm confiança, o que aumenta a aparência de legitimidade das histórias. Os algoritmos utilizados pelo Facebook fazem com que usuários tendam a receber informações que corroboram seu ponto de vista, formando bolhas que isolam as narrativas às quais aderem de questionamentos à esquerda ou à direita (FÁBIO, 2016).

Roque e Bruno apontam para o que seria um tipo de crise das mediações. Para as autoras, “vemos indícios de uma crise dos modos estabelecidos de aferição da verdade. É uma crise que questiona competências e desafia as mediações estabelecidas para que uma afirmação possa ser reconhecida como válida” (ROQUE e BRUNO, 2018). Se até pouco tempo imprensa, professores, intelectuais, especialistas e mesmo políticos profissionais costumavam ser aceitos como mediadores confiáveis, “parece estar em curso uma destituição desses lugares, fenômeno que alguns chegam a identificar como o fim das

---

<sup>3</sup> Eleita a palavra do ano em 2016 pelo *Oxford Dictionaries*, departamento da universidade de Oxford responsável pela elaboração de dicionários, o termo pós-verdade denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais (FÁBIO, 2016). A eleição de Donald Trump, nos EUA, e o referendo que decidiu pela saída da Grã-Bretanha da União Europeia (UE), apelidada de “*Brexit*”, vêm sendo analisados, segundo a Universidade de Oxford, no contexto da pós-verdade (FÁBIO, 2016).

mediações” (Ibid). Nesse cenário, aos boatos (também chamados de “*hoax*”) e *fake news*, podemos acrescentar ainda a força que as novas narrativas sobre a história ganharam nessa nova esfera pública, as *fake histories*.

Mundo afora, fatos históricos irrefutáveis passaram a render debates inesperados. Toda ciência, aliás, está sendo questionada: terraplanistas desprezam fotos da Nasa e grupos antivacina ignoram apelos médicos. Depois das *fake news*, estamos na era da *fake history* (TORRES e URBIM, 2018).

### **“Como se ensina história na Alemanha”**

É nesse cenário, que envolve desafios como o enfraquecimento e/ou deslegitimação das instituições, hierarquias, falas de autoridade e mediações, além de uma forte polarização política, que órgãos representativos da Alemanha no Brasil publicaram em suas fanpages do Facebook o vídeo “Como se ensina história na Alemanha”. O vídeo tinha como objetivo mostrar que os alemães não escondem seu passado, pois, desde cedo, os jovens aprendem nas escolas sobre o nazismo e atrocidades como o holocausto. Outra finalidade do vídeo era alertar sobre os perigos do ressurgimento do nazismo, por meio da ascensão da extrema-direita na Europa. E é especificamente nesse ponto que reside o início de nosso objeto de pesquisa. O vídeo recebeu críticas de muitos internautas brasileiros que discordaram do posicionamento do nazismo no espectro político da direita. Para esses usuários do Facebook, o nazismo é de esquerda, o que contraria a bibliografia canônica da história e da ciência política. Os principais argumentos dos críticos foram a palavra “socialista” no nome do Partido Nazista (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores da Alemanha) e o caráter centralizador de poder do regime de Hitler (o que desconsidera outros regimes de direita com forte poder concentrado no Estado, como o fascismo italiano, o franquismo espanhol e as ditaduras latino-americanas, incluindo a brasileira).

Com 1 minuto e 7 segundos de duração, o vídeo<sup>4</sup> é todo feito de filmagem de fotos, recurso muito utilizado em filmes documentários. Basicamente, a peça chama a atenção sobre a necessidade de se conhecer a história para não se repeti-la e conclama os cidadãos a “se levantarem do sofá e abrirem a boca” contra o perigo do ressurgimento do nazifascismo (imagens 1 e 2).

Imagem 1



Fonte: vídeo “Como se ensina história na Alemanha”

<sup>4</sup> O áudio é somente trilha sonora. Não há textos em off, mas somente em legendas coloridas, inseridas nas fotos, que são de monumentos alemães, cerimônias nazistas do tempo em que o país era governado por Hitler, imagens do holocausto, homenagens aos mortos, memoriais e museus, símbolos nazistas, manifestações neonazistas e antinazistas. Segue a íntegra do texto do vídeo: Os alemães não escondem o seu passado. Pelo contrário. Desde cedo eles são ensinados a confrontar os horrores do holocausto. O pensamento é: “conhecer e preservar. Preservar a história para não repeti-la”. Na escola, os alemães começam a aprender sobre o nazismo quando têm entre 13 e 15 anos. No entanto, a maioria já presenciou a história do Terceiro Reich nas ruas, no turismo e nas memórias de família. Em muitas cidades é possível encontrar placas douradas no chão em frente a casas onde vivam famílias de judeus. Memoriais e museus que abordam o assunto estão espalhados pelo país. Na Alemanha é crime: negar o holocausto, exibir símbolos nazistas, fazer a saudação “heil Hitler”. E quando o extremismo de direita volta a acontecer no país? “Quando a saudação de Hitler hoje volta a ser mostrada em nossas ruas, isso é uma vergonha para o nosso país. Devemos nos opor aos extremistas de direita, não devemos ignorar, temos que mostrar nossa cara contra neonazistas e antissemitas. Então, temos que nos levantar do sofá e abrir nossas bocas. Os anos de estado vegetativo discursivo devem chegar ao fim. Quem protesta contra os nazistas não é de esquerda, mas normal” [ministro das relações externas Heiko Maas].

Imagem 2



Fonte: vídeo “Como se ensina história na Alemanha”

O vídeo foi postado pela Embaixada da Alemanha em Brasília e pelo Consulado Geral da Alemanha no Recife em suas respectivas fanpages no dia 4 de setembro, durante o período eleitoral brasileiro, a cerca de um mês do dia da votação do primeiro turno. Em ambas as postagens houve comentários críticos discordando do conteúdo do vídeo e até deslegitimando e desacreditando os órgãos representativos do país europeu. A polêmica ganhou repercussão e foi noticiada por diversos veículos jornalísticos. O inusitado do caso consistiu no fato de que brasileiros queriam explicar para instituições alemãs o que foi o nazismo. O jornal O Globo do dia 22 de setembro foi um dos que deu maior destaque ao ocorrido.

O governo alemão fez vídeo explicando, o embaixador alemão no Brasil disse que era “uma besteira completa”, estudiosos falaram até ficar roucos. De nada adiantou. A julgar pelas reações online, um número surpreendente de brasileiros pensa como o usuário do Twitter que escreveu isto aqui: “Nazismo era um partido socialista, logo, era de esquerda. Não é um embaixador idiota dizendo o contrário que vai mudar essa verdade” (TORRES e URBIN, 2018, pg. 10).

A sucursal brasileira do jornal espanhol El País usou a palavra alemã “*Fremdschämen*”, que significa “vergonha alheia”, para resumir “a enxurrada de críticas de internautas brasileiros a um vídeo da Embaixada alemã afirmando que nazismo é de direita” (OLIVEIRA, 2018). A Folha de São Paulo destacou que “Grupos de direita no Brasil contestam embaixada alemã sobre nazismo” (PITOMBO, 2018). A sucursal brasileira da rede de comunicação pública britânica BBC também noticiou a polêmica,

abordando não só a afirmativa de que o nazismo é uma ideologia de esquerda, mas também dando ênfase à negação do holocausto por parte dos mesmos usuários brasileiros do Facebook e ao esforço do governo alemão em “garantir que a verdade sobre a história do nazismo não seja perdida entre mentiras e boatos espalhados tanto entre adultos quanto crianças” (NEHER, 2018). A revista *Época* destacou que os comentaristas brasileiros que afirmaram que o nazismo é de esquerda não se importaram com “as evidências da historiografia e da ciência política do século XX” (SALGADO, 2018), no mesmo sentido de Daniel Neves Silva (2018), que reforça o consenso entre historiadores e cientistas políticos de que o nazismo era de direita.

O site brasileiro da emissora pública alemã Deutsche Welle (DW) destacou que os internautas brasileiros criaram um debate que não existe na Alemanha. A “discussão levantada aparece há alguns anos em círculos de direita brasileiros, mas nunca existiu entre historiadores sérios” (STRUCK, 2018). Enquanto alguns veículos noticiosos, como o caso da Folha, classificam esses comentaristas como “de direita”, a reportagem da DW vai além e é mais específica, associando-os ao bolsonarismo<sup>5</sup>. De acordo com Struck, sobre os comentários nos posts dos órgãos representativos da Alemanha, “uma rápida olhada nos perfis dos usuários que associaram o nazismo com a esquerda mostra que vários divulgam propaganda do [então] candidato à presidência Jair Bolsonaro” (Ibid).

### **Análises e resultados**

Se classificar esses comentaristas que se opuseram ao vídeo da embaixada como “de direita” é algo genérico e pode até soar óbvio, identifica-los como bolsonaristas pode parecer muito específico e, por isso, mais passível a erro. Nosso primeiro passo é, portanto, identificar quem são esses comentaristas, se eles possuem características em comum que justifiquem algum tipo de rotulação. Buscamos identificar se esses usuários formam mesmo um grupo, com características bem demarcadas (para além da generalização “de direita”), ou se a enxurrada de críticas ao vídeo é algo difuso, disperso. É possível classificar esses internautas como bolsonaristas?

Para isso, aplicamos nos comentários dos posts do vídeo uma abordagem de inspiração etnográfica, ou netnográfica<sup>6</sup>, “como uma das metodologias utilizadas no estudo empírico da internet” (AMARAL, 2010, p. 125), buscando identificar e desvendar

<sup>5</sup> Struck relembra que o deputado Eduardo Bolsonaro, filho do presidente eleito em 2018 Jair Bolsonaro, afirmou em 2016, no Twitter, que o “nazismo é esquerda”, sob o argumento da presença da palavra “socialista” no nome do Partido Nazista, e que, desde então, voltou ao tema outras vezes nas redes sociais, sempre apontando que o nazismo está no campo da esquerda (STRUCK, 2018).

no espaço virtual, por meio da observação e investigação interpretativa, “padrões de comportamento social e cultural” (Ibid).

Desde o estabelecimento da internet como meio de comunicação e da “constituição” de grupos sociais possibilitados pelas facilidades da comunicação em rede, alguns pesquisadores perceberam que as técnicas de pesquisa etnográficas também poderiam ser utilizadas para o estudo das culturas e comunidades agregadas via internet (Ibid).

Nossos objetos iniciais foram, além do próprio vídeo, os comentários feitos nos posts da Embaixada da Alemanha de Brasília e do Consulado-geral da Alemanha no Recife com o referido vídeo. Ambas as publicações foram feitas na parte de vídeos de suas respectivas fanpages do Facebook no dia 4 de setembro de 2018. Foram analisados 30 comentaristas, sendo 20 no post da embaixada e 10 no do consulado. Visitamos os perfis dos comentaristas à procura de elementos que pudessem ser utilizados para classificá-los como pertencentes a um grupo específico (algo menos genérico do que, apenas, “direitistas”), elementos ou padrões referenciais em comum. Para isso, analisamos, em cada um dos 30 comentaristas, suas fotos de perfil (anteriormente usadas) e de capa (em uso e anteriores)<sup>7</sup> (imagem 3) e os 10 últimos posts. Foram analisados somente os comentaristas que escreveram nos comentários<sup>8</sup>, e não aqueles que escreveram nos comentários dos comentários.<sup>9</sup>

Os traçados culturais demarcados pela interação nas comunidades, fóruns, blogs, plataformas são as pistas seguidas pelos pesquisadores em sua análise. Eles indicam uma gama variada de posicionamentos, mas principalmente norteiam de onde parte o olhar do pesquisador e sua identidade teórica (AMARAL et al., 2008, p. 36-37).

<sup>6</sup> Como aponta Amaral (2010), há algumas divergências quanto ao uso do termo “netnografia”, nas quais não nos aprofundaremos, por falta de espaço. Outras terminologias concorrem com o termo, como “etnografia digital”, “webnografia” e “ciberantropologia”.

<sup>7</sup> Enquanto no quesito “fotos de capa” consideramos tanto a foto que estava na capa no momento da análise, quanto as anteriormente usadas (contidas no álbum “fotos de capa”), no quesito “fotos do perfil”, consideramos somente as anteriormente usadas (no álbum “fotos do perfil”). Isso porque diferentemente da foto de capa, que só se vê quando se entra no perfil do comentarista, a foto do perfil pode ser vista e identificada ao se ler o comentário deixado pelo comentarista no post do vídeo, o que significa que a relação entre o comentarista e o bolsonarismo pode ficar caracterizada logo à primeira vista, caso ele esteja usando algum filtro do Bolsonaro no momento da análise. Comentaristas que estavam com filtro do Bolsonaro nas fotos de perfil utilizadas no momento de análise foram descartados, pois era óbvia a relação com o Bolsonarismo, sem que sequer fosse necessário visitar seus perfis. Se os considerássemos, a relação entre defensores do “nazismo de esquerda” e o bolsonarismo seria ainda maior.

<sup>8</sup> Ressalta-se ainda que em nenhum momento houve algum tipo de interação com os comentaristas, nem mesmo para anunciar a realização da pesquisa, o que consideramos não implicar em nenhum problema ético, visto que as páginas dos órgãos representativos, os perfis, os posts e fotos dos comentaristas são todos públicos, “o suficiente para serem estudados sem ter o consentimento dos informantes” (AMARAL, 2010, p.132).

<sup>9</sup> No Facebook, cada comentário pode ser respondido individualmente, gerando comentários do comentário. Os comentários mais polêmicos costumam receber inúmeras respostas. Nossa análise considerou somente os comentários principais, não os comentários dos comentários.

Imagem 3: exemplo de análise das fotos de perfil



Fonte: *print* Facebook

Optamos por não nos referir aos comentaristas por seus nomes completos. Erickson (2004), ao tratar da microanálise etnográfica na educação, ressalta o cuidado com o armazenamento de fitas e arquivos que contenham materiais mais sensíveis e que possam causar algum tipo de dano aos envolvidos, sugerindo o uso de “códigos específicos que não identifiquem os indivíduos ou locais pelo nome” (p. 117). De forma análoga, os *prints* aqui utilizados trazem os nomes dos comentaristas vedados, embora tenhamos guardados os *prints* originais. A análise<sup>10</sup> dos comentários e dos perfis dos comentaristas foi feita no dia 28 de setembro, mesmo mês em que os vídeos foram publicados. Na ocasião, o post da embaixada continha 1,9 mil comentários, e, o do consulado, 1,6 mil.

Assim como a matéria da DW, alguns comentaristas favoráveis ao vídeo da embaixada e consulado classificaram os comentaristas críticos como “bolsomínions” e seguidores do Movimento Brasil Livre (MBL). Simpatizantes do MBL se tornaram nossa hipótese secundária de rotulagem dos defensores do “nazismo de esquerda”, o que não se

<sup>10</sup> Pela nossa análise dos comentários, podemos afirmar que, apesar da polêmica pelo fato de “brasileiros tentarem explicar o que é o nazismo para os alemães”, conforme os termos explorados pela imprensa, a grande maioria dos comentários foi concordando com a embaixada e o consulado e defendendo-os. Levando em consideração as datas exatas dos comentários, a impressão é que a repercussão na imprensa teria encorajado um maior número de comentários em defesa das instituições: na medida em que os dias se passaram e as notícias repercutiram, comentários reiterando que o nazismo é de direita e extrema-direita parecem ter aumentado. Não temos, no entanto, uma proporção exata dos comentários favoráveis em relação aos comentários críticos, já que a pesquisa não teve como objetivo esse tipo de mensuração.



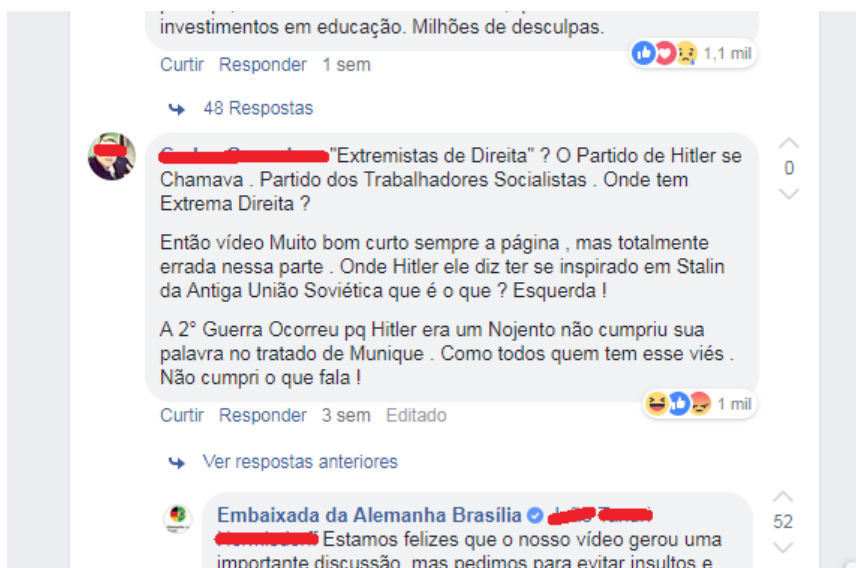
---

confirmou, pois encontramos poucos posts do MBL entre os comentaristas, não o suficiente para dar ênfase ao MBL no caso em tela.

Já a hipótese de serem eleitores de Jair Bolsonaro, conforme afirmativa da reportagem da DW e também de alguns comentaristas em defesa da embaixada e do consulado, foi confirmada. Com base nos dados apurados, dividimos os 30 comentaristas em três categorias: “bolsonarismo”, “sem relação” e “inconclusivo”. Na primeira, ficaram todos que tinham relação com a campanha de Bolsonaro à presidência, confirmada por algum dos 10 posts analisados em suas linhas do tempo ou em alguma das fotos de perfil ou de capas utilizadas, totalizando 21 comentaristas, ou seja, mais de dois terços do quantitativo analisado. Em “sem relação”, ficaram cinco comentaristas, pois, embora tenhamos encontrado posts e fotos relacionados a temáticas ligadas à direita (antipetismo, por exemplo), nada foi encontrado diretamente relacionado a Jair Bolsonaro. Outros quatro comentaristas ficaram na categoria “inconclusivo”, pois havia tantos bloqueios em seus perfis que não era possível fazer uma análise do conteúdo.

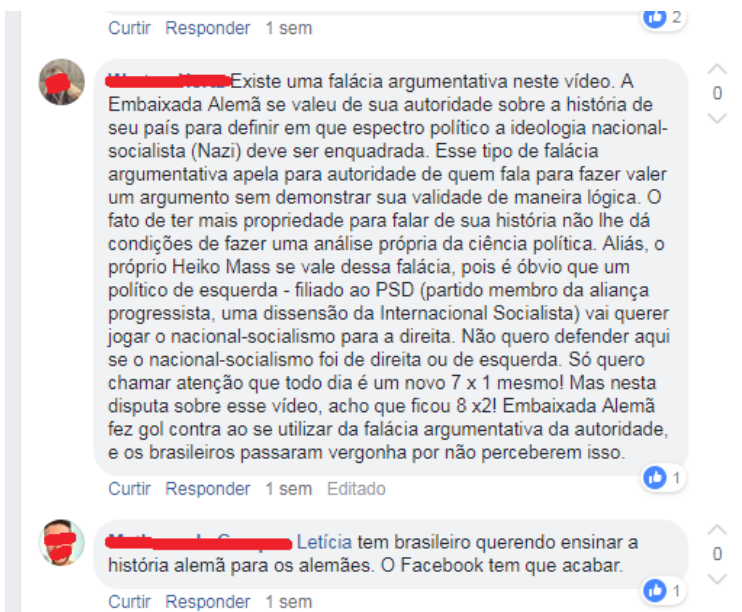
Com relação ao conteúdo dos comentários, sentimos a necessidade de estabelecer duas diferentes categorias: “contestação direta” (imagem 4) e “posicionamento crítico” (imagem 5). Isso porque enquanto alguns comentaristas partiram para o confronto direto contra o conteúdo do vídeo, contestando-o com a afirmação literal de que o nazismo não é de direita ou que ele é de esquerda (por isso incluídos na categoria “contestação direta”), outros optaram por questionar a legitimidade e/ou idoneidade dos órgãos representativos alemães para explicarem o que é o nazismo e as reais motivações do vídeo. Alguns questionaram as fontes nas quais o vídeo foi baseado ou acusaram a embaixada de estar se valendo de uma falácia de apelo à autoridade. Portanto, ao adotarem uma postura crítica, mas sem expressamente dizer que o nazismo é de esquerda ou que não é de direita, esses comentaristas foram classificados como de “posicionamento crítico”, por sua estratégia retórica mais sinuosa. Sobre a criação das categorias que reforçam nossa análise de conteúdo, seguimos o entendimento de Amaral et. al (2008) de que a netnografia como aporte metodológico para a pesquisa em comunicação digital demanda “aproximação com outros aparatos teórico-metodológicos como análises quantitativas e estatísticas (...), Análise de Discurso (AD), Análise de Conteúdo (AC), Análise de Redes Sociais” (p. 35).

Imagem 4 – exemplo de contestação direta



Fonte: *print* Facebook

Imagem 5: exemplo de posicionamento crítico



Fonte: *print* Facebook

Foram 20 comentários incluídos em “contestação direta”, pois contrariavam literalmente os órgãos representativos alemães quanto ao espectro político do nazismo e de Hitler. Os outros 10 ficaram em “posicionamento crítico”. Quando cruzamos todas as categorias, tanto as que especificam os comentaristas (“bolsonarismo”, “sem relação” e “inconclusivo”) quanto as que especificam os comentários (“contestação direta” e “posicionamento crítico”), vemos que quanto mais incisivos e confrontadores foram os comentários, maior a relação entre seus autores e o bolsonarismo. Exemplo: entre os 20

---

autores de comentários de “contestação direta”, 16 estavam incluídos na categoria “bolsonarismo”, pois tinham posts ou fotos relacionadas ao presidente eleito em 2018. Quanto aos outros quatro, três foram “inconclusivos” e um ficou em “sem relação”. Já entre os 10 autores de comentários menos incisivos, cinco foram identificados com o “bolsonarismo”, quatro ficaram em “sem relação” e um foi “inconclusivo”.

### ***Da fake history ao machismo ou do machismo à fake history***

Nesta curta pesquisa de inspiração netnográfica, o detalhe mais inusitado e o que consideramos mais interessante é o que chamamos de “achado lateral”: a grande maioria dos 30 comentários selecionados aleatoriamente nos dois posts do vídeo é de autoria de homens. Foram 28 autores e apenas duas autoras. Inicialmente, não há uma razão aparente para que tantos homens e tão poucas mulheres conceituem o nazismo no espectro político da esquerda. Embora não tenha entrado de forma direta nas mensurações da pesquisa, cabe ressaltar que havia muitos comentários de mulheres nos posts dos órgãos alemães, a imensa maioria, no entanto, concordando com o vídeo. O gênero, juntamente com um posicionamento antiesquerda, foi o traço mais marcante do grupo analisado e tornou-se pertinente entender por que a questão do gênero perpassa a discussão sobre se o nazismo é de esquerda ou direita.

Alguns levantamentos<sup>11</sup> e análises<sup>12</sup> apontam o machismo e misoginia como componentes a moldar ideologias políticas de extrema-direita no Brasil e no mundo, e entendemos que pesquisas como esta, cujo foco é inicialmente desvinculado de questões de gênero, são um caminho importante de mensuração dos efeitos colaterais do machismo e da sexualidade no espectro político, pela forma enviesada que perpassam o foco da pesquisa. Para o sociólogo Michael Lowly, “em todos os países, seja na Europa, nos Estados Unidos, ou no Brasil, a extrema-direita racista, autoritária, ou fascista é predominantemente masculina” (apud QUATEL, 2018). Para o jornalista Will Carless, que estuda crimes de ódio, “Muitos estudos complexos que investigam o neonazista identificam um problema grave entre ele e a figura da mulher. Essa conexão com a misoginia é muito sintomática neste ponto” (apud QUATEL, 2018).

---

<sup>11</sup> “Quando as mulheres são inimigas: a intercessão entre misoginia e supremacia branca”: <https://www.adl.org/media/11707/download>

<sup>12</sup> Sabe o que é frustração? Máquina de fazer incel: [https://www.vice.com/pt\\_br/article/zm8v3e/incel-massacre-realengo-dogolachan-homini-sanctus-marcello-valle-silveira-mello](https://www.vice.com/pt_br/article/zm8v3e/incel-massacre-realengo-dogolachan-homini-sanctus-marcello-valle-silveira-mello)

---

No Brasil, Bolsonaro é o representante da extrema-direita há alguns anos, incorporando e trazendo para a realidade brasileira algumas tendências da extrema-direita no cenário político mundial, o que pode ser visto em sua aberta afinidade com o presidente americano Donald Trump. Bolsonaro entrecortou seu discurso político nos últimos anos com declarações polêmicas consideradas de cunho machista.<sup>13</sup> No Brasil, Bolsonaro parece ter sido o político que melhor instrumentalizou politicamente o machismo, conseguindo capitalizar a transferência de sentimentos e visões masculinas para a política. Para Renan Quinalha (2018), o bolsonarismo capta e reproduz um conjunto de sentimentos ligados a uma valorização das tradições e de uma sociedade patriarcal.

O bolsonarismo, em sua dimensão sexual, é a atualização dessa tradição regressiva na forma de uma reação violenta diante das novas gramáticas morais e das profundas mudanças operadas pelas lutas dos movimentos LGBT, feminista e negro no Brasil (...) que desafiaram a hegemonia biopolítica do homem branco, heterossexual, cisgênero e proprietário (QUINALHA, 2018, p. 24).

Daí, uma vez que a sexualidade é instrumentalizada politicamente, servindo como fator de arregimentação política e formação de grupo, outras opiniões que em nada se relacionam com questões de gênero passam a ser partilhadas por meio de um movimento que Steven Pinker (2018) chama de tribalismo político. Por questões relacionadas à afirmação da identidade e fidelidade ao grupo, cada vez mais opiniões predominantes em um determinado grupo vão sendo acolhidas e reproduzidas por seus integrantes. De certo modo, a ideia assemelha-se com o que diz Wootton (2017), inicialmente citado. A diferença é que enquanto Wootton fala de tribalismo para se referir ao funcionamento da internet, Pinker se concentra mais em questões cognitivas, sendo que ambos relacionam suas teorias a contextos políticos. Pinker explica que é esse tribalismo político e ideológico que está por traz de divergências que costumamos chamar de controvérsias científicas, mas que, na verdade, são praticamente consenso na comunidade acadêmica e científica. Ele cita o exemplo das mudanças climáticas<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> Alguns exemplos: em entrevista para a apresentadora Luciana Gimenez, Bolsonaro teria dito que não empregaria mulher com o mesmo salário que homem, por conta do peso de encargos trabalhistas (licença maternidade): <<https://www.youtube.com/watch?v=rstRfaGJqyY>> Em um de seus discursos, Bolsonaro teria dito que após quatro filhos homens, deu “uma fraquejada” e veio uma mulher: <<https://www.youtube.com/watch?v=2YaLo74yLoY>>

<sup>14</sup> A questão do tribalismo provocando controvérsia sobre as mudanças climáticas é explorada ainda com mais profundidade no documentário “Mercadores da Dúvida”, inspirado no livro homônimo (“*Merchants of doubt*”), de Naomi Oreskes e Erik Conway, que mostra como essas polêmicas são fomentadas muito mais por conta de lobby (não sem a ajuda de alguns cientistas renomados), táticas midiáticas e de propaganda, questões econômicas e ideologia política do que por metodologia científica e discussões acadêmicas. Link para o documentário na íntegra: <<https://vimeo.com/155984532>>

O que prediz uma negação das mudanças climáticas causadas pelo homem não é o analfabetismo científico, mas a ideologia política. Em 2015, 10% dos republicanos conservadores concordaram que a Terra está ficando mais quente por causa da atividade humana (...), em comparação com 36% dos republicanos moderados, 53% dos independentes, 63% dos democratas moderados e 78% dos democratas liberais.

(...) Certas crenças se tornam símbolos de lealdade cultural. As pessoas não afirmam ou negam essas crenças para expressar o que sabem, mas quem elas são. Todos nós nos identificamos com tribos ou subculturas particulares (PINKER, 2018, p. 420).

No caso do revisionismo histórico sobre “nazismo de esquerda” que tomou as redes sociais brasileiras a despeito do posicionamento consensual de historiadores e cientistas políticos, o viés político e ideológico da revisão fica ainda mais evidente. A ascensão do bolsonarismo traz consigo, além de um revisionismo histórico que se aplica não só ao nazismo, mas também ao período escravista brasileiro (enfatizando a responsabilidade dos negros e mitigando a dos portugueses) e à ditadura militar (abrandada, uma “ditabranda”), uma guerra cultural, chegando a questionamentos sobre o ensino da teoria da evolução nas escolas e ganhando corpo em projetos como o “Escola sem partido”.

A pregação contra a suposta sexualização de crianças nas escolas e a “doutrinação” de esquerda na educação são facetas centrais da campanha vitoriosa de Bolsonaro, que também estão presentes na estratégia de mobilização de forças conservadoras e de extrema direita pelo mundo, parte das chamadas “guerras culturais” (PIRES, 2018).

Pablo Ortellado explica que o setor conservador entende ter perdido uma batalha sobre os valores morais da sociedade. Por isso, os conservadores almejam um contra-ataque, lançando “uma campanha muito pesada contra a imprensa, contra os meios de comunicação na dimensão de entretenimento, contra as artes, contra as escolas e universidades” (2018).

### **Considerações finais**

O bolsonarismo tenta livrar o espectro político da direita, ao qual é alinhado, da responsabilidade pelo peso negativo histórico e político do nazismo com todo o ônus de seu desastre. Para isso, vale-se de um discurso revisionista, uma *fake history*, que, entretanto, não chega a abalar a posição consensual do meio acadêmico dos campos da história e da ciência política, embora ecoe nas redes sociais. Habermas (2018) afirma que a esfera pública, conforme a conhecíamos, vem sendo deteriorada. Ela se valia de

---

pressupostos em comum, que dependiam, por exemplo, de uma grande imprensa e de uma população leitora. Essa estrutura não estaria mais intacta, segundo o filósofo alemão.

Podemos apontar certa convergência entre nossa análise sobre o “nazismo de esquerda” e a fala de Habermas, na medida em que, enquanto parte dos usuários da rede social reproduzem o discurso revisionista, é a imprensa “tradicional”, por meio de alguns dos principais veículos do Brasil e sucursais brasileiras de veículos do exterior, que reforça o consenso acadêmico, apontando críticas ao revisionismo virtual e valendo-se de fontes mais sólidas.

A reação crítica de internautas brasileiros contra o vídeo da embaixada e consulado e também contra o ministro das Relações Externas alemão demonstra a crise das mediações descrita por Roque e Bruno (2018) e também o tribalismo político descrito por Pinker (2018). O mesmo tribalismo que nos levou aqui ao problema do machismo, que aparece na pesquisa como um “achado lateral” e que nos faz refletir sobre duas questões: a importância da sexualidade na política (incluindo o modo como o bolsonarismo a instrumentalizou politicamente) e o quanto as pessoas estão dispostas a formular suas opiniões e defendê-las, em certos casos, mais por conta de uma afirmação de identidade e lealdade do que com base na historiografia e nos fatos.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana. (2010). **Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas**. Revista USP, São Paulo, n° 86, 122-135, jul/ago 2010. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13818>> Acesso em 20 nov 2018.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Luciana. **Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital**. Sessões do Imaginário, Porto Alegre, n° 20, p. 34-40, dez 2018. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/4829/3687>> Acesso em 20 nov 2018.

ERICKSON, Frederick. **Etnografia na educação: textos de Frederick Erickson**. Traduzido para o português por Carmem Lúcia Guimarães de Mattos, 2004.

FÁBIO, André Cabette. **O que é “pós-verdade”, a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford**. Nexo. 16 nov 2016. Disponível em < <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>> Acesso em 04 jul. 2017.

HABERMAS, Jürgen. **“Não pode haver intelectuais se não há leitores”**. El País. 7 mai 2018. Disponível em: < [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/25/eps/1524679056\\_056165.html?fbclid=IwAR0M-nMhjrObnlWiYndktUFrnoJjNRkDBLjY6JfNTaSpLszIgLw6sGxP9oE](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/25/eps/1524679056_056165.html?fbclid=IwAR0M-nMhjrObnlWiYndktUFrnoJjNRkDBLjY6JfNTaSpLszIgLw6sGxP9oE)> Acesso em 20 nov 2018.

MARTINO, Luiz Mauro Sá. **Teorias das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis: Vozes, 2014.

NEHER, Clarissa. **Como a Alemanha usa as escolas contra mentiras sobre o nazismo e o Holocausto**. BBC. 17 set 2018. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45502884>> Acesso em 20 nov 2018.

OLIVEIRA, Regiane. **Fremdschämen, a constrangedora ‘aula’ sobre nazismo dos brasileiros aos alemães**. El País. 17 set 2018. Disponível em: < [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/13/politica/1536853605\\_958656.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/13/politica/1536853605_958656.html)> Acesso em 20 nov 2018.

ORTELLADO, Pablo. **"Imprensa e ensino viverão sob ataque permanente na era Bolsonaro"**. DW. 14 nov 2018. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/imprensa-e-ensino-viver%C3%A3o-sob-ataque-permanente-na-era-bolsonaro/a-46274766>> Acesso em 20 nov 2018.

PINKER, Steven. **O novo Iluminismo: em defesa da razão, da ciência e do humanismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PIRES, Breiller. **Educação, o primeiro ‘front’ da guerra cultural do Governo Bolsonaro**. El País. 05 nov 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/01/politica/1541112164\\_074588.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/01/politica/1541112164_074588.html)> Acesso em 17 dez 2018.

PITOMBO, João Pedro. **Grupos de direita contestam embaixada alemã sobre nazismo**. Folha de São Paulo. 16 set 2018. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/grupos-de-direita-no-brasil-contestam-embaixada-alema-sobre-nazismo.shtml>> Acesso em 20 nov 2018.

QUATEL, Letícia. **É a frustração masculina que decide os rumos políticos do Brasil hoje**. Vice. 09 nov 2018. Disponível em: <[https://www.vice.com/pt\\_br/article/wj3qay/e-a-frustracao-masculina-que-decide-os-rumos-politicos-do-brasil-hoje](https://www.vice.com/pt_br/article/wj3qay/e-a-frustracao-masculina-que-decide-os-rumos-politicos-do-brasil-hoje)> Acesso em 16 dez 2018.

QUINALHA, Renan. **A política sexual do bolsonarismo**. Cult. São Paulo: Editora Bregantini, n. 241, ano 21, dez 2018.

ROQUE, Tatiana; BRUNO, Fernanda. **Fenômeno da pós-verdade transforma os consensos já estabelecidos**. MediaLab UFRJ. 18 nov 2018. Disponível em: <[http://medialabufrij.net/publicacoes/2018/fenomeno-da-pos-verdade-transforma-os-consensos-ja-estabelecidos/?fbclid=IwAR2FABzbnpxpsSlvg5DwBXf6ne5I\\_9w12jBjiTOLKDXp9wK\\_-JiDkQtjmc](http://medialabufrij.net/publicacoes/2018/fenomeno-da-pos-verdade-transforma-os-consensos-ja-estabelecidos/?fbclid=IwAR2FABzbnpxpsSlvg5DwBXf6ne5I_9w12jBjiTOLKDXp9wK_-JiDkQtjmc)> Acesso em 20 nov 2018.

SALGADO, Daniel. **Como Hitler desmente os comentaristas da internet**. Época. 18 set 2018. Disponível em: <[https://epoca.globo.com/artigo-como-hitler-desmente-os-comentaristas-da-internet-23080252?fbclid=IwAR2FKZj9OpkGTwpx73X\\_BiVrjJROQo3rQz2ZkivHGGASJHI3FxZjZMGaows](https://epoca.globo.com/artigo-como-hitler-desmente-os-comentaristas-da-internet-23080252?fbclid=IwAR2FKZj9OpkGTwpx73X_BiVrjJROQo3rQz2ZkivHGGASJHI3FxZjZMGaows)> Acesso em 20 nov 2018.

STRUCK, Jean-Philip. **Brasileiros criam debate que não existe na Alemanha**. DW. 17 set 2018. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/brasileiros-criam-debate-que-n%C3%A3o-existe-na-alemanha/a-45531446?fbclid=IwAR2crO-4qSI0ZErVghwjpSrbAMw0d6cg6UMd3vk9WOCJRg5NGerZgQMGcek>> Acesso em: 20 nov 2018.

TORRES, Bolívar; URBIM, Emiliano. **Vamos aos fatos. Que história é essa?** O Globo, Rio de Janeiro, 22 set. 2018. Segundo Caderno. Capa e p 10.

WOOTTON, David. **A internet está nos levando de volta a um mundo medieval**. Consultor Jurídico. 10 jul 2017. Disponível em < <http://www.conjur.com.br/2017-jul-10/milenio-david-wootton-autor-breve-historia-fatos>> Acesso em: 15 ago 2017.